

O LIVRO DOS CACHOS

Aprenda a amar e cuidar do seu cabelo como ele é

SABRINAH GIAMPÁ

Prefácio

MÔNICA WALDVOGEL

p a r a e a

Copyright © 2016 by Sabrinah Giampá

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO Joana Figueiredo

IMAGEM DE CAPA Yoko Design/ Shutterstock

ILUSTRAÇÕES Malena Flores

FOTOS DE MIOLO pp. 14, 23, 26 e 29: Daniel Borges Zago; pp. 16, 18 e 20: acervo pessoal da autora;
p. 28 (acima): Georgia Pedro; p. 28 (abaixo): Luciana Marfim Rosa

ENSAIO FOTOGRÁFICO pp. 73-87: Gustavo Arrais

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Valquíria Della Pozza e Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Giampá, Sabrinah

O livro dos cachos : Aprenda a amar e cuidar do seu cabelo
como ele é / Sabrinah Giampá ; prefácio Mônica Waldvogel. –
1ª ed. – São Paulo : Paralela, 2016.

ISBN 978-85-8439-045-8

1. Beleza – Cuidados 2. Beleza feminina (estética)
3. Cabelos – Cuidados e higiene I. Waldvogel, Mônica.
II. Título. III. Série.

16 - 06953

CDD-646.724

Índices para catálogo sistemático:

1. Cabelos : Tratamento : Cuidados pessoais 646.724
2. Cachos : Tratamento : Cuidados pessoais 646.724

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.editoraparalela.com.br

atendimentoaoeditor@editoraparalela.com.br

SUMÁRIO

<i>Prefácio — Mônica Waldvogel</i>	11
<i>Nota da autora</i>	15
Introdução — Minha história	17
1. Voltando às raízes: tudo sobre big chop e transição capilar	31
2. A mulher brasileira e a ditadura do cabelo liso e longo	41
3. Vamos desbancar alguns mitos?	53
4. Você e seu cabelo: hora de fazer as pazes!	65
5. Rotina sem espuma: como é que não te falaram disso antes?	89
6. Truques cacheados	117
7. A democratização da beleza começa em casa (e desde cedo)	127
8. Somos todas lindas! Alguém duvida?	135
<i>Agradecimentos</i>	139
<i>A língua dos cachos</i>	141

PREFÁCIO

Foi numa tarde ensolarada de sábado. Estacionei meu carro na rua sossegada e subi um tanto apreensiva a ladeirinha até chegar à casa térrea, sem jardim, com piso ladrilhado na entrada. Toquei a campainha. Uma moça sorridente abriu a porta envidraçada da garagem. Era Sabrinah, com seus cachos alegres e balançantes, usando um avental preto cheio de bolsos, onde guardava seus instrumentos de trabalho — tesouras e pentes, nada mais que isso.

Levou bastante tempo até que esse encontro redentor acontecesse. Antes, precisei descobrir o formidável e infinito mundo dos blogs de beleza, dos grupos de discussão no Facebook e dos tutoriais do YouTube. Adquiri o vício de passar horas vasculhando a rede madrugada adentro, como um Sherlock atrás de pistas e digitais. Em algum lugar desse vasto território em que mulheres do mundo todo ensinam às outras seus truques de beleza eu haveria de encontrar uma solução.

Meu problema sempre foi o cabelo. Farto, grosso, indisciplinado, com ondas irregulares, armado, indomável, seco, cheio de frizz. Um cabelo que minha mãe descrevia como “jeitoso” na infância até com certa inveja — ela, que odiava seu cabelo tão liso que não segurava grampo, que não mudava de forma depois de horas enrolado em bobeis. Mas eu mesma não o aceitava.

Na televisão, o cabelo precisa ser contido nas quatro linhas do retângulo do vídeo. Ao natural, o meu provavelmente transbordaria esses limites. No camarim, entretanto, os cabeleireiros sempre deram conta de arrumá-lo, em um verdadeiro enduro de secador, escova, chapinha e babyliss.

Na vida real, complicava. O fim de semana, as viagens, aqueles dias em que estava quente demais, ou aparecia um evento inesperado. Eu tinha de lutar contra a vontade de entrar no chuveiro, deixar a água encharcar o cabelo e esfriar a cabeça — sensação, aliás, que nunca durava muito tempo. Era enxugar com a toalha e o cabelo invariavelmente demonstrava quem mandava. Ele, o “jeitoso”, sempre teve esse hábito de se transmudar em monstro, e eu, sua vítima, só podia ser uma passiva espectadora da forma que ele decidisse adquirir naquele dia.

Foi a internet que me salvou. Foi ela que me levou ao site Cachos & Fatos e à Sabrinah.

Passei muitos meses admirando pelo blog as transformações que ela produzia em cabeleiras ainda mais “indomáveis” que a minha. Mulheres chegavam à garagem em que ela atende com o cabelo destroçado pelos alisamentos, disformes pelos cortes equivocados, horríveis. E saíam lindas, com a cabeça ornada de ondas ou cachos estilosos.

Fotos e mais fotos de “antes e depois” me conduziram até aquele sábado e ao sorriso acolhedor de Sabrinah. Com calma, como se tivesse todo o tempo do mundo, ela analisou meu cabelo e entendeu meu problema. Explicou o efeito dos ingredientes de xampus, condicionadores, modeladores e cremes de tratamento em fios como os meus. Demonstrou como estilizá-los e, acima de tudo, me fez entender por que eu deveria amá-los do jeito que são.

É preciso aceitar o cabelo que se tem e tratá-lo com respeito para que ele próprio responda de um jeito mais amável. Também é necessário aprender a desconfiar do que a indústria cosmética promete. Deve-se olhar os rótulos com muita atenção, como fazemos com as bulas de remédio. Infelizmente, ainda não há uma relação de contraindicações no verso dos frascos de xampus e condicionadores. Se houvesse, não sobrecarregaríamos nossos fios com substâncias que os deixam mais difíceis, saturados e deprimidos. Lidar com cabelos ondulados e cacheados é assimilar uma nova cultura, em que velhos tabus são derrotados e se inauguram outros costumes.

Sabrinah me ensinou a lavar o cabelo com o produto certo e a penteá-lo de maneira a tirar o melhor proveito da forma que ele tem. Fez um corte que se adaptou às ondas naturais e conseguiu com que eu fizesse as pazes com um rodamoinho na quina da testa que me dava verdadeiro pavor. Um truque simples, e pronto: o que era defeito virou estilo.

Depois de acariciar cabelos complicados e rebeldes, de fazer de seus próprios e lindos cachos um laboratório para experimentos, de registrar e observar a diferença que a abordagem correta pode fazer em fios crespos, cacheados e ondulados, Sabrinah reuniu neste livro toda essa sabedoria acumulada.

E ela tem um ponto importante: ninguém sabia como cuidar de cabelos como os nossos. Não havia receita nem dica passada de mãe para filha. Havia, sim — ainda há, infelizmente —, preconceitos, modelos e padrões inalcançáveis que nos escravizaram durante muito tempo em um paradigma monótono e previsível.

Vamos acabar com isso.

Bem-vindas ao maravilhoso universo da liberdade capilar, que Sabrinah desvenda nas próximas páginas.

Mônica Waldvogel

NOTA DA AUTORA

Este livro é dedicado a todas as mulheres que já se sentiram inadequadas por não estarem de acordo com o padrão de beleza vigente. Vamos mostrar para a sociedade que toda beleza merece ser contemplada e que não precisamos nos enquadrar em um modelo que anule nossa identidade para sermos felizes e bonitas. Cada beleza é única. Somos todas divas, com nossos corpos únicos, nossas peles de todas as cores e nossos cabelos cheios de personalidade. O livro dos cachos é um brinde à diversidade e minha contribuição à democratização da beleza, que aos poucos ganha força mundialmente, com o apoio da militância negra e feminista.

Tenho orgulho de ser feminista e me envergonho dos privilégios que vieram com minha pele branca. Reconhecendo isso, dedico este livro especialmente às mulheres negras que conheci na minha trajetória com o Cachos & Fatos e com a Garagem dos Cachos. Essas mulheres lindas e fortes travam uma batalha diária pelo simples fato de ter a pele negra e de assumir os cabelos crespos. Conhecer sua trajetória foi um choque de realidade para mim, que me fez rever os preconceitos que sofri. Afinal, o que sei sobre o assunto tendo nascido com a pele tão branca? Essas mulheres são as verdadeiras protagonistas deste livro, e não eu. Criei o blog e a Garagem dos Cachos com o objetivo de ajudar outras mulheres a se libertar dos estigmas, mas hoje percebo que a principal beneficiária disso tudo fui eu. Por isso, todas essas mulheres têm meu eterno agradecimento. Sim, vocês são maravilhosas. Nunca deixem de acreditar nisso.

INTRODUÇÃO — MINHA HISTÓRIA

Assim como grande parte das mulheres de cabelo cacheado que conheço, fui criada para acreditar que meus fios “rebeldes” e “fora do lugar” eram um grande problema, um erro da natureza que tinha de ser consertado a qualquer custo. “Seu cabelo é difícil como o meu”, lamentava minha mãe, todas as noites, enquanto fazia touca de grampo na minha cabeça antes de eu dormir.

Durante toda a minha infância, ela, que sempre foi adepta de escovas, toucas e bobes (naquela época não havia chapinha nem progressiva), me transmitiu tudo o que aprendeu para ter um cabelo “apresentável”, isto é, macio, sedoso, brilhante e, claro, liso. Assim, aprendi desde cedo que minhas “molinhas” deveriam ser amordaçadas e enjauladas, como feras selvagens. Gel, tiaras e uma infinidade de elásticos nunca podiam faltar.

Ser como minhas amigas de cabelo liso era um sonho distante. Adorava tocar naqueles cabelos que caíam retos da raiz às pontas e que balançavam ao vento refletindo a luz do sol. Quanto mais elas os escovavam, mais bonitos e brilhantes ficavam. O meu cabelo, por sua vez, era opaco e com muitos fios arrepiados (ainda não se usava a palavra “frizz”). Quanto mais eu escovava, mais armado ele ficava. Meu rosto era engolido por aquele mar de fios disformes e rebeldes. Eu odiava aquilo!

*Aprendi desde cedo que minhas
“molinhas” deveriam ser amordaçadas
e enjauladas, como feras selvagens.*

ÁRVORE DE NATAL

Uma vez,
quando me atrevi
a ir com o cabelo
solto para a escola,
alguns meninos, depois de
comer biscoito de polvilho
na sala de aula, arremessaram
o saco com os farelos no
ventilador, que ficava exatamente
acima de onde eu me sentava.
O resultado foi pavoroso: lá estava eu,
com meu emaranhado volumoso, imundo
de biscoito, alvo de risos de toda a sala.
Lembro que me chamaram de árvore de natal,
por causa do formato do meu cabelo, que era
cortado como se fosse liso. Os farelos de biscoitos
eram a neve.



Eu (à direita) e minhas irmãs Sara e Samanta. Com onze anos, fazia escova e touca de grampo para ficar com o cabelo assim, mais liso e sem volume.

PISCINA PROIBIDA

Certa vez, fui visitar minha tia, que tinha acabado de reformar sua casa. Havia uma piscina enorme, daquelas dos sonhos, com fonte, banquinhas dentro da água e bar na beira. Fazia um calor de 40 graus, só que eu tinha acabado de fazer escova no salão. Todos os poros do meu corpo desejavam estar ali dentro, junto com as outras crianças, mas meu cabelo me impediu. Não queria ir com o cabelo “horrível” para a escola na segunda-feira. Até hoje me arrependo dessa decisão. Se pudesse voltar no tempo, pularia naquela piscina de roupa e tudo!

A PRIMEIRA ESCOVA

Minha mãe me levou ao cabeleireiro para fazer escova pela primeira vez, e meus olhos brilharam de emoção quando finalmente conheci uma versão “bonita e apropriada” de mim mesma: meu cabelo ficou parecido com o das atrizes de novela, princesas da Disney e outras heroínas da minha infância. Eles enfim estavam lisos!

Mas toda essa felicidade tinha um preço bem alto. Além de horas e horas embaixo do calor escaldante do secador, viver de escova me impedia de pular na piscina com minhas amigas no verão. Eu precisava ficar bem paradinha, para evitar a transpiração. Exercícios físicos, nem pensar! E, em dias chuvosos, mal podia sair de casa.

Cabelo de Samambaia

Não eram só as crianças que me azucrinavam pelo fato de ter cabelos cacheados: muitos professores também o faziam.

Tive uma professora de história que me usava como ponto de referência da sala: “Ei, você aí atrás da menina de cabelo de samambaia!”, ela gritava, sem perceber o quanto isso abaixava minha autoestima.

FICOU UMA HORA LÁ DENTRO E AINDA NÃO ARRUMOU ESSE CABELO?

Eu me lembro de um episódio em que passei um tempão tentando “dar um jeito” no meu cabelo para uma festa. Todos os meus esforços só contribuíram para deixá-lo ainda mais ouriçado. Quando surgi na sala, a reação da minha mãe foi: “Ficou uma hora lá dentro e ainda não arrumou esse cabelo?”. Minha cara de frustração rende risadas para minha irmã até hoje. Senti-me derrotada pelo meu próprio cabelo.



Na casa da minha avó paterna, que era a única da família que achava lindo meu cabelo natural... Com dezoito anos, sempre fazia escova e chapinha.

A ESCOVA “POSSESSIVA” E OUTRAS FORMAS DE ALISAMENTO QUÍMICO

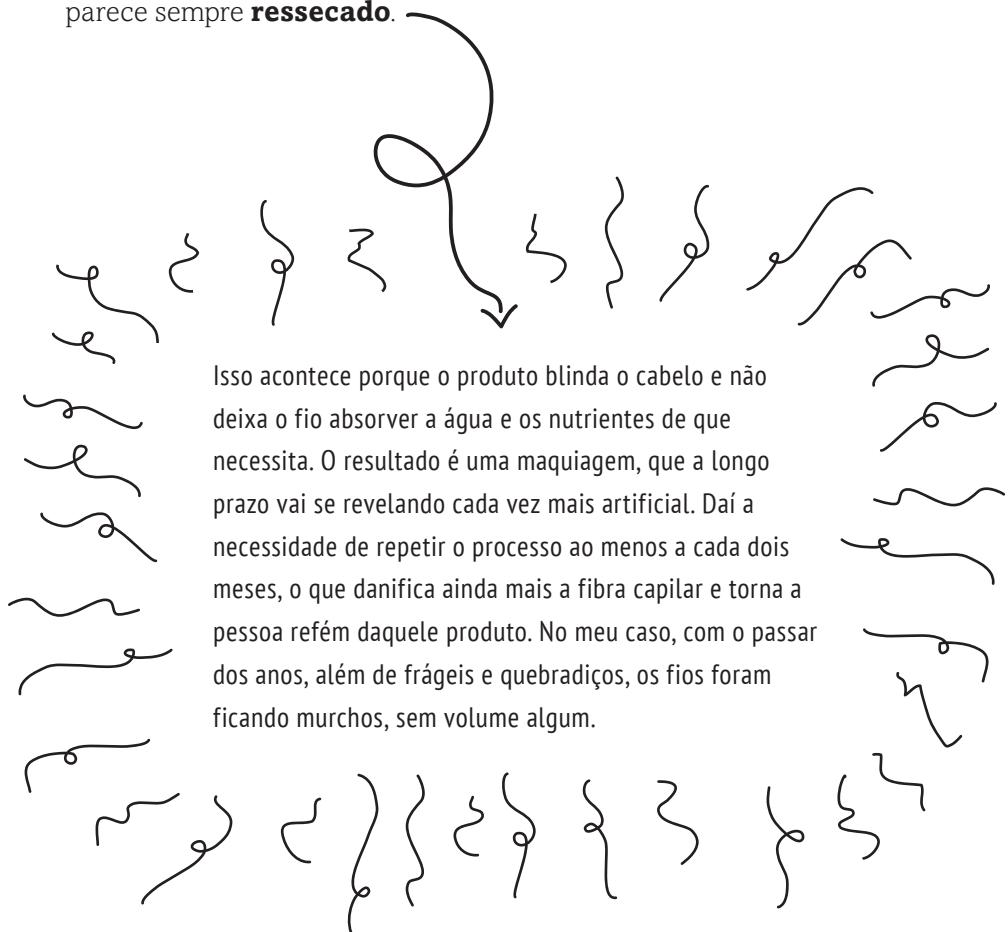
Passei boa parte da minha adolescência descobrindo e experimentando formas diferentes de alisar os fios quimicamente, sempre em busca do sonho de ter um cabelo “perfeito” sem necessidade de escova.

Primeiro, descobri o “relaxamento” com minha prima, que morava em Brasília. Ela estava felicíssima com essa solução, que facilitava a escova e mantinha o cabelo “domado”. Fiz questão de ir à cabeleireira dela quando fui visitá-la nas férias e acabei passando pelo mesmo procedimento. Lembro-me do couro cabeludo queimando, do cheiro fortíssimo e dos olhos lacrimejantes. Lembro-me de ter amado a raiz esticada e os cachos estrelados. O problema é que, com o passar dos dias, o cabelo ia ficando cada vez mais ressecado.

Depois, foi a vez de experimentar a escova definitiva, chamada na época de “japonesa”. O procedimento era caro e prometia um liso perfeito mesmo sem secar. O resultado foi uma raiz colada na cabeça e fios esticados, com pontas ásperas e artificiais. E o pior: fiquei com uma onda perto do pescoço, que não alisava nem por decreto. Segundo o profissional, a culpa era minha, por amassar o cabelo dormindo. Fiquei pensando se, na cabeça dele, eu devia dormir de pé e sem travesseiro!

Finalmente, conheci a escova progressiva, que hoje chamo de “possessiva”. De acordo com os cabeleireiros, era a grande revolução cosmética para quem queria fios lisos e impecáveis. Prometia praticidade e dava adeus a escovas e chapinhas. Fios cada vez mais lisos e brilhantes, e a melhor de todas as vantagens: depois de um tempo, saía por inteiro. Mas não era bem assim.

Com o passar do tempo descobri que a “possessiva” era uma forma disfarçada de escravidão. A primeira aplicação fica bastante natural e ludibriosa a pessoa, mas, conforme o cabelo vai crescendo, o secador e a chapinha precisam entrar em jogo novamente. As pontas ficam artificiais, e o cabelo parece sempre **ressecado**.



Isso acontece porque o produto blinda o cabelo e não deixa o fio absorver a água e os nutrientes de que necessita. O resultado é uma maquiagem, que a longo prazo vai se revelando cada vez mais artificial. Daí a necessidade de repetir o processo ao menos a cada dois meses, o que danifica ainda mais a fibra capilar e torna a pessoa refém daquele produto. No meu caso, com o passar dos anos, além de frágeis e quebradiços, os fios foram ficando murchos, sem volume algum.

VOLTANDO AOS CACHOS

As pessoas sempre me perguntam como foi meu processo de transição capilar, ou seja, qual foi o momento em que me olhei no espelho e decidi que queria meu cabelo natural de volta. Na verdade, não lembro ao certo, só sei que um dia me vi no espelho e não me reconheci. Foi uma sensação complexa e muito estranha. Era como se eu estivesse fantasiada. A ficha simplesmente caiu: eu havia me transformado numa personagem para ser aceita, amada, para pertencer. Uma série de questionamentos começou então a rodar incessantemente na minha cabeça. Se eu me via obrigada a me transformar para sentir o acolhimento que tanto buscava, não estava desfrutando de uma falsa aceitação?

Percebi então que o que fazia com que eu me sentisse mais desconfortável com a minha imagem era aquele cabelo lambido de progressiva. Ele estava longe de expressar quem eu realmente era e me deixava com cara de “pobre camponesa de nobre coração que ia todos os dias ao bosque coletar lenha”. Aquela, sem dúvida alguma, não era eu! Eu tinha de exorcizar a todo custo a camponesa de dentro de mim, e o cabelo era a primeira etapa.

Constatei que a progressiva não tirava apenas todo o volume do cabelo, mas também sua essência, sua vitalidade, seu brilho, sua emoção, e que tudo isso está arraigado à nossa personalidade. Eu havia me tornado apática como uma flor de papel, sem vida, sem raiz. Precisava fazer alguma coisa para reverter aquilo, e a primeira foi parar de alisar o cabelo quimicamente.

Isso me dava muito medo, porque eu teria que enfrentar de uma vez por todas a grande fera que era meu cabelo. Será que conseguiria encarar o desafio? Já havia tentado usar meu cabelo natural diversas vezes na adolescência, mas nunca ficava satisfeita. Parecia que ele tinha vida própria, que tinha suas regras e que nada que eu fizesse teria resultado. Mesmo assim resolvi arriscar. Mal sabia que essa decisão mudaria minha vida para sempre.

LIVRE, LEVE E SOLTA

Deixar os fios secarem por conta própria, principalmente em um dia de sol, era uma experiência magnífica. Fazia tempo que eu não me sentia tão livre e tão bem comigo mesma. Ao andar pelas ruas, às vezes fechava os olhos para sentir o vento batendo no rosto e nos cachos, que esvoaçavam de forma natural, como se recebessem um afago.

Ao me olhar no espelho, conseguia vislumbrar uma Sabrinah que eu nem sabia que existia. Ela era mais real que a Sabrinah com escova progressiva, mas de certa forma ainda não era eu. Parte da minha personalidade não estava sendo expressa, e eu não sabia como fazer isso.

Enquanto mergulhava nessa busca, eu me preparava para o que viria com o processo de redescoberta: a reprovação dos outros. Não apenas desconhecidos, com os quais eu não me importava, mas familiares e amigos. (É aí que começa a sensação de rejeição, e é aí que a maioria das mulheres sucumbe e volta ao alisamento.) A sensação de que muitos não gostariam da minha aparência era realmente muito assustadora. Mesmo mais madura, a possibilidade de sofrer bullying me deixava ansiosa. Mas segui em frente mesmo assim, firme em meu propósito.



Com um dos meus anjos de quatro patas, Gogui, na minha primeira viagem usando o cabelo natural. Pela primeira vez não precisei me preocupar com o secador e pude deixar os fios secando ao vento. Foi uma experiência magnífica. Nunca me senti tão livre!

Frases que escutei quando resolvi assumir os cachos

“NÃO é feio...

Ele NÃO é feio...

**Olhando mais de perto, realmente
NÃO é feio!”**

(Por acaso não sei e preciso ficar sendo lembrada disso?)

“Esqueceu que hoje tinha reunião?”

(Como se alguém tivesse que passar por uma transformação antes de um evento profissional.)

“Você não está feia, mas não vou mentir: o liso fica mais bonito, é mais chique e elegante.”

(Com o tempo, aprendi que toda textura de cabelo é bonita e que elegância é uma característica da pessoa, não do cabelo dela.)

“Se prender tudo pra trás com gel fica ótimo.”

(Você quer esconder meu cabelo para que ele fique “apresentável”?)



“Você fica bem cacheada, mas liso combina mais com você.”

(Não faz sentido um cabelo que não é meu combinar mais comigo.)

“Você está ficando desleixada. Antes se cuidava mais, era mais vaidosa.”

(Desde quando alisar quimicamente o cabelo é uma forma de me cuidar?)

“Ela tá usando cacheadinho agora, mas tem um rosto bonito. Com maquiagem até que dá, né?”

(Eu não estava “usando” cacheado. Meu cabelo é cacheado. E não preciso de maquiagem para ficar bonita com ele.)

“Não vai assim na festa, sem escova, né?”

(Aprendi que a festa é bem mais divertida sem escova. Afinal, posso dançar à vontade!)

“Os homens preferem mulheres com cabelo liso e comprido.”

(Quem gosta de você gosta com qualquer cabelo.)

“Em você que é jovenzinha fica legal, mas na minha idade não dá pra usar o cabelo assim.”

(Por acaso cabelo tem prazo de validade?)



Eu em viagem a Olinda:
a delícia de curtir a praia
sem me preocupar com
o cabelo.

DESENVOLVENDO O AMOR-PRÓPRIO

Hoje, aos 36 anos, percebo que a única pessoa que precisava me aceitar de peito aberto era EU. Tinha de aprender a me amar, a amar a Sabrinah criança/adolescente com cabelo fora do padrão.

Depois que aceitei meu cabelo natural e me olhei no espelho sendo a Sabrinah de verdade, tudo mudou na minha vida. Não era só cabelo. Era muito mais do que isso. Era parte de um todo que eu precisava amar para me encontrar e ser verdadeiramente feliz. Fiz as pazes com meu cabelo e com tudo o que vinha na bagagem, inclusive a Sabrinah que tinha vergonha de ser ela mesma. E meus cachos foram fundamentais nesse processo.

CACHOS & FATOS

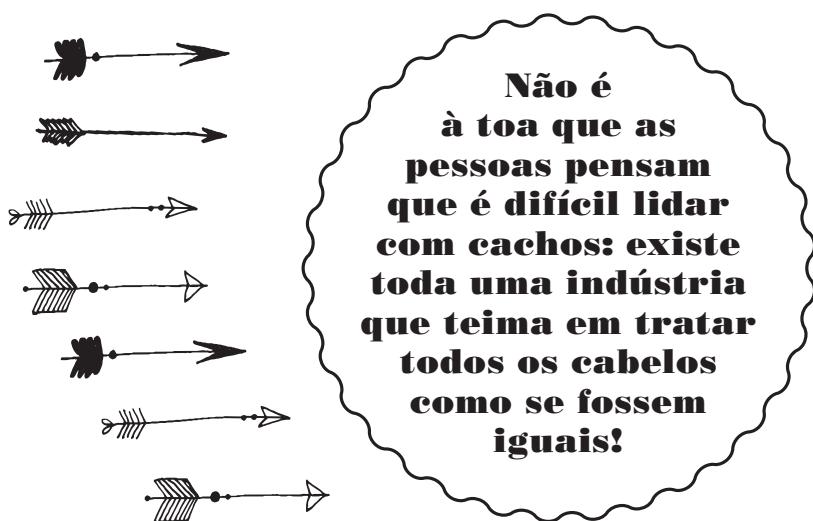
Assim que assumi meu cabelo natural, comecei a ter prazer em cuidar dele. Não queria mais disfarçá-lo, e sim exaltá-lo. Aos poucos aprendi truques, e ele foi ficando mais bonito, vivo e vibrante. De repente, algo curioso começou a acontecer: passei a ser abordada na rua por desconhecidas me perguntando o que eu fazia para deixar os cachos bonitos. Quando dei por mim, estava dando consultoria para anônimas. Até que um amigo me perguntou: “Sabrinah, por que você não escreve sobre isso?”. Mas eu não queria falar só de beleza. Queria escrever sobre comportamento, abordar todas as questões ligadas ao cabelo (e são muitas!). Assim nascia o Cachos & Fatos.

Não demorou muito para que eu percebesse que minha missão era ajudar outras pessoas no resgate da sua identidade, através da redescoberta dos fios naturais. Assumir os fios crespos não é apenas um ato político, que desafia o padrão de beleza artificial imposto pela sociedade: é assumir a própria essência, é se reconhecer e se aceitar, é encontrar a felicidade no amor-próprio, essencial para nossas conquistas diárias e realizações na vida.

Após quinze anos trabalhando como jornalista, abandonei o mundo corporativo e investi todas as fichas no blog. Resolvi que precisava fazer uns cursos de cabeleireira e me especializar em cabelos crespos para ter um embasamento teórico maior.

Acabei descobrindo algo lamentável: o mercado profissional não oferece tratamentos para cabelos crespos além de alisamento. E mais: nos cursos de cabeleireiro não há sequer bonecas crespas! Como pode? Mesmo nos melhores cursos profissionais se ensina a cortar os crespos da mesma forma que os lisos, molhando, penteando e esticando, ou seja, indo totalmente contra a natureza dos fios.

Foi um alívio para mim quando enfim descobri um curso de cachos ministrado pela marca DevaCurl, com uma filosofia inovadora. Aprendi muito ali!





Com minha boneca
cacheada vinda diretamente
dos Estados Unidos, já que
no Brasil todas tinham
cabelos lisos!



Com Denis da
Silva, meu guru
dos cachos!

A MARCA DEVACURL

Lorraine Massey é uma grande especialista em cachos, que compartilhou suas descobertas sobre o cabelo crespo em *O manual da garota cacheada* e criou uma linha de produtos maravilhosa em parceria com Denis da Silva, brasileiro radicado nos Estados Unidos. Recomendo a leitura e os produtos!

A GARAGEM DOS CACHOS

O blog crescia e eu aprendia cada vez mais sobre o cuidado com o cabelo cacheado. Então comecei a treinar — primeiro em bonecas cacheadas, depois no meu marido e nas minhas amigas mais queridas (a quem sou muito grata até hoje). Por fim, resolvi montar na garagem da minha casa um minissalão, que batizei de Garagem dos Cachos.

Na Garagem dos Cachos, num editorial que fiz para a revista francesa *Amina*, falando sobre o empoderamento feminino através do resgate dos cachos naturais.



Achei que seria apenas um hobby, um laboratório para alimentar o blog com as fotos de “antes e depois” das clientes. Mas, quanto mais elas apareciam tristes e saíam felizes, sem alisamento, comecei a perceber que a Garagem se tornara algo muito maior.

Cortando cabelos e ensinando a cuidar deles, eu estava me libertando dos meus próprios traumas e preconceitos e reafirmando, para mim mesma e para o mundo, a beleza de se aceitar como você é. Percebi que também contribuía com a jornada daquelas mulheres, que, como eu anos atrás, estavam descobrindo que sua beleza real era muito maior que os padrões estabelecidos. As fotos de “antes e depois” mostram não apenas uma “melhora na aparência”, mas como uma mulher que faz as pazes com seu cabelo e consigo mesma é linda. E essa é minha maior realização.

Minha intenção com este livro é expandir isso, contribuindo para que mais e mais pessoas parem de lutar contra a própria natureza e enxerguem que o cabelo natural é lindo — seja ele liso, ondulado, cacheado ou crespo.